

BRITO, Marcelo Sousa. O corpo como imagem poética na paisagem urbana. Salvador: Universidade Federal da Bahia (UFBA); Capes; Bolsa de Doutorado; Doutorando em Artes Cênicas; Orientação: Eliene Benício; Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas; Ator e diretor teatral criador do Coletivo Cruéis Tentadores/BA.

O corpo como imagem poética na paisagem urbana

RESUMO

Com o presente artigo pretendo avaliar meu próprio percurso diário dentro da cidade de Salvador, disponibilizando meu corpo para uma prática de construção de imagem poética na paisagem urbana. Assim, unindo ação e discurso buscando perceber como o tempo é fundamental para avaliarmos qual a nossa posição na construção de uma cidade viva e aberta para o lúdico. Para isso é preciso vencer a dificuldade de perceber, sentir e absorver o tempo. Nesta experiência-devaneio coloquei na mala apenas o essencial: Sônia Rangel, Angelo Serpa, Gaston Bachelard, Eric Dardel, Amir Haddad, Paul Claval, Maurice Merleau-Ponty, água, protetor solar, frutas e alguns recursos que as fenomenologias nos oferece como tempero para uma relação entre arte e cidade e me lancei rumo ao desconhecido.

Palavras chave: teatro, cidade, território, percepção.

RESUMÉ

Afin d'évaluer mon propre trajet dans la ville de Salvador, offrant mon corps à une réalisation pratique de l'image poétique dans le paysage urbain est ce que je comprends que le temps est essentiel d'évaluer notre position dans la construction d'une ville vivante et ouverte au ludique. Pour cela, il est nécessaire de surmonter la difficulté de percevoir, de sentir le temps d'absorption. Pour cette expérience-rêverie j'ai mis dans la valise juste l'essentiel: Sonia Rangel, Angelo Serpa, Gaston Bachelard, Eric Dardel, Amir Haddad, Paul Claval, Maurice Merleau-Ponty, eau, crème solaire, des fruits et des caractéristiques que la phénoménologie nous offre comme pimenter une relation entre l'art et la ville et me lancer dans l'inconnu.

Mots-clés: théâtre, ville, territoire, perception.

1- Romper o silêncio, vencer o medo.

Diante de nossos olhos a cortina de nuvens se abre e a cidade, esse palco aberto, se mostra vazio para que, aos poucos, cidadãos-personagens vão ocupando seu lugar, construindo sua história dia a dia. Mas será que a cidade

está realmente aberta? É possível viver os espaços públicos hoje em dia sem o medo que habita em nós?

Como forma de avaliar meu próprio percurso diário dentro da cidade de Salvador, disponibilizando meu corpo para uma prática de construção de imagem poética na paisagem urbana é que pude perceber como o tempo é fundamental para avaliarmos qual a nossa posição na construção de uma cidade viva e aberta para o lúdico. Para isso é preciso vencer a dificuldade de perceber, sentir e absorver o tempo.

Para essa experiência-devaneio coloquei na mala apenas o essencial: Sônia Rangel, Angelo Serpa, Gaston Bachelard, Eric Dardel, Amir Haddad, Paul Claval, Maurice Merleau-Ponty, água, protetor solar, frutas e alguns recursos que as fenomenologias nos oferece como tempero para uma relação entre arte e cidade e me lancei rumo ao desconhecido.

Já na saída de casa, como uma possibilidade de abordagem fenomenológica, estabeleci que tudo que se apresentava diante de mim seria novo, tudo que se mostrava diante de meus olhos surgia como a minha primeira vez. Começava ali um dia de descoberta ou de redescoberta de experiências cotidianas.

2- A cidade que há em mim.

Na primeira parada me veio como um raio de sol a definição de Dardel para o termo cidade, que, a meu ver, dialoga bem com os princípios desenvolvidos aqui. Princípios como transitoriedade, deslocamento e vivência. Para Dardel,

a cidade não é somente um panorama abarcado com um só golpe de vista. (...) A cidade, como realidade geográfica, é a *rua*. A rua como centro e quadro da vida cotidiana, onde o homem é passante, habitante, artesão; elemento constitutivo e permanente, às vezes, quase inconsciente, na visão de mundo e no desamparo do homem; realidade concreta, imediata, que faz o cidadão "um homem da rua", um homem diante dos outros, sob o olhar de outrem, "público" no sentido original da palavra. Para muitos homens, sobretudo os dos séculos passados, a rua é onde se nasce, onde se vive e onde se morre sem que se possa sair. (DARDEL, 2011, p.28).

Aqui a fenomenologia da percepção (MERLEAU-PONTY) já se fazia presente. Fiquei ali, parado, sentindo a brisa, a umidade do ar e um cheiro desconhecido que vinha de longe me pedindo para segui-lo. Como um cego, fui! Fui, mas ainda com as palavras de Dardel reverberando em mim como um ecoar de

sensações sonoras já que cego estava: “é a rua”, “homem da rua, diante dos outros, sob o olhar de outrem”.

Este foi o sinal para seguir em frente e me expor ao olhar, habitar a rua e invadir a paisagem que já estava em mim, não como uma pintura ou vista através da janela, mas como “interface entre homens e a natureza”, como “obra de um sujeito” (CLAVAL, 2004), nesse caso “eu” o sujeito-criador. E como parte integrante dessa paisagem, decido parar mais uma vez e recuperar a visão perdida para ver o que se encontrava ali, diante de mim: árvores, bancos, pessoas, água, vento, brisa, folhas ao vento, cabelos ao vento, vozes desorganizadas, ir e vir de mais pessoas e pessoas paradas esperando o tempo passar ou esperando o tempo de agir chegar.

Parado fico percebendo tudo, sentindo tudo. Estou em uma praça pelo que me parece, resolvo sentar e ler um pouco para ver se meus caminhos se abrem e a imaginação me traz imagens e ao abrir um livro involuntariamente me deparo com a seguinte frase: “Quando a imagem é nova, o mundo é novo”. É Bachelard me convidando a parar mais uma vez e ver tudo novo de novo, me apresentando a sua fenomenologia. E ele diz mais:

a fenomenologia da imaginação não pode se contentar com uma redução que transforma as imagens em meios subalternos de expressão: a fenomenologia da imaginação exige que vivamos diretamente as imagens, que as consideremos como acontecimentos súbitos da vida (BACHELARD, 1989, p.63).

Como um mundo novo a minha frente deixei que o fato de estar ali, sem nenhuma expectativa, se tornasse um acontecimento súbito, um fenômeno naquela tarde, naquela praça e aceitei o convite do sol para me integrar ainda mais naquela paisagem e a praça virou praia, o concreto virou areia me pedindo para deitar e sentir meu próprio corpo.

O ato de estar ali, vivendo aquele espaço, criando outra paisagem trouxe à praça outra configuração e uma relação com as pessoas que ali estavam começou a ser estabelecida. Relação essa que variava de pessoa para pessoa. Às vezes essa relação ficava no olhar ou até mesmo na recusa desse olhar. Mas também teve quem se aproximou, quem reprovou, quem questionou, quem se divertiu, quem teve coragem de, mesmo sentado em um

banco, se sentir na praia. E eis que, como uma alucinação, eu vejo passar, também como uma imagem poética, uma mulher de cabelos vermelhos. Apressada. Determinada a atravessar aquele mar de concreto. Uma sereia do asfalto. E já que tudo à minha volta era novo e desconhecido, essa sereia me fez recordar de outra sereia de cabelos também vermelhos que eu tinha comigo na mala. Foi ela quem me estimulou a conquistar a rua, a chegar a esses princípios como relato a seguir.

3- Articulando experiências.

Durante as conversas com a artista na arte de ensinar, ensinar não, compartilhar, Sônia Rangel sempre questiona o papel do artista-pesquisador na pesquisa desenvolvida por cada um, como se envolver, se apaixonar, se apropriar. Para isso agenciamentos e práticas são organizados para que cada vez mais nos aproximemos com propriedade de nossos recortes de pesquisa através de uma imersão no “devir da própria criação” (RANGEL, 2013). Ouvi-la, mesmo quando as palavras não eram diretamente direcionadas a mim me mantinha em conexão com o grupo de pesquisa que participo no Departamento de Geografia da UFBA, o grupo Espaço Livre. E no meu silêncio vou fazendo conexões. Lá no grupo onde a relação do sujeito com o mundo e todas as contradições que isso pode gerar é um dos princípios que norteia os encontros, o estudo dessas práticas está sempre presente e é lá onde eu conquisto argumentos para defender o meu amor pela arte que ocupa a cidade. A arte pública como defende Amir Haddad.

Então mergulho em mim mesmo, deitado naquela praça-praia compondo uma paisagem que me inunda de perguntas. Perguntas referentes aos meus princípios de pesquisa, às metodologias a serem aplicadas e à minha própria relação com o que proponho. Para Rangel essas perguntas nos ajudam a sair de um local de conforto nos levando a dimensões que devemos prestar atenção quando nos envolvemos com uma pesquisa, um processo. Definindo melhor essas questões Rangel aponta que “as perguntas se tornam importantes tanto na dimensão pessoal como na dimensão grupal, cultural, social, histórica, na aventura, no encontro e na curiosidade do criar-pensar. As perguntas são Perguntas-Passaporte” (RANGEL, 2013, p.4).

Imaginando esses espaços vividos e ocupados por uma ludicidade criativa na construção de imagens poéticas na paisagem urbana é que me dou conta de que é justamente a imaginação que aproxima todos os estímulos que trago na mala. E ali, vivendo aquele espaço, porque eu já havia sido absorvido pela vivência, recebo uma mensagem de Angelo Serpa, coordenador do Grupo Espaço Livre, me pedindo para não esquecer que:

Imaginar é abstrair a realidade para a ela voltar após o sonho. Sonhar uma nova realidade para além do presente e do passado requer também coragem para imaginar outro mundo, outros modos de vida possíveis, para além da sociedade de consumo e da mercadoria (SERPA, 2008, p.65).

Mas, essa mensagem me traz uma questão: se até para imaginar é preciso ter coragem, imagina o que é preciso para viver os espaços, criar imagens poéticas na paisagem urbana, se expor ao olhar de outrem! Para isso é preciso ser quase um artista herói que, rompendo os muros das casas, salas de ensaios, edifícios teatrais e Universidades, decide sair da zona de conforto para ser, ele próprio, uma imagem poética de cidade.

Neste exato momento várias conexões começam a ser estabelecidas. A imagem poética se instala em mim no momento em que sinto repercutir e reverberar no espaço a minha presença e naquele instante sinto uma sensação de pertencimento entre todos ali, mesmo nas contradições, estamos todos criando e completando aquela imagem o que me faz crer na importância de dar tempo ao tempo, sentir o tempo da percepção, alimentar e abrir as portas da imaginação, ter a imaginação aliada à criação e ter coragem de disponibilizar o corpo para outras práticas criativas de ocupação do espaço urbano. Aqui, ocupar significa viver a cidade com todas as possibilidades que ela nos oferece. E neste processo aqui apresentado viver quer dizer transformar em poesia o ato de estar no mundo.

4- Eu como paisagem: uma imagem poética.

Agora eu sou um ser inserido no mundo, me relaciono com ele através do meu corpo disponível e atento no espaço. Com isso construo, a partir dessa cadeia de relações, imagens poéticas na paisagem urbana.

Transformado em um criador de imagem poética, carrego a paisagem comigo, não me distancio mais dela, agora somos um só e me apoio a Claval que me diz que:

a paisagem não é um *reflexo*. Se ela ensina, o faz mal. Ela permanece o que é, o que é suficiente para amá-la e considera-la como obra dos homens e das forças naturais. É aqui que ela revela a quem sabe olhar. (CLAVAL, 2004 p.72).

Prefiro ficar em silêncio. Eu na paisagem, a paisagem em mim. Um só. Reorganizo meus pertences na mala, minhas referências, meus guias e decido seguir meu caminho levando comigo essa experiência não só na mala, mas no corpo, na pele, na memória, no sangue.

Vejo a sereia de cabelos vermelhos passar por mim e como um canto que hipnotiza ela me diz: “a cidade é toda sua, a cidade te espera”. Cheio de coragem sigo meu caminho atravessando paisagens, trocando olhares, desejos, imagens. E eu não estou sozinho porque na arte de imaginar e criar imagens poéticas basta começar para esse ato repercuta e reverbere em tudo e todos que estão à sua volta.

As referências que trago comigo:

BACHELAR, Gaston. ***A Poética do Espaço***. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. IN: ***Paisagens, Textos e Identidades***. CORRÊA X ROSENDAHL. Rio de Janeiro, 2004. pg. 13-74.

DARDEL, Eric. ***O homem e a terra: natureza da realidade geográfica***. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

HADDAD, Amir. ***O teatro e a cidade: O ator cidadão***. Comunicação apresentada no Festival Internacional des Journées Théâtrales de Carthage. IX Session. 1999, Tunísia.

MERLEAU-PONTY, Maurice. ***Fenomenologia da Percepção***. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

RANGEL, Sonia. ***Imagem e pensamento criador***. Palestra proferida no X Colóquio Franco-Brasileiro de Estética; Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia; 8 de outubro de 2013.

SERPA, Angelo. Como prever sem imaginar? O papel da imaginação na produção do conhecimento geográfico. IN: SERPA, Angelo (Org). ***Espaços culturais: vivências e representações***. Salvador:BA, EDUFBA, 2008. P. 59-67.